

ADA ROGATO E O INSTITUTO BIOLÓGICO. REBOUÇAS, M.M.; D'AGOSTINI, S.; BILINSKYJ, M.C.V.; VITIELLO, N. Instituto Biológico, Centro de Comunicação e Transferência do Conhecimento, Museu/Centro de Memória, Av. Cons. Rodrigues Alves, 1252, CEP 04014-002, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: reboucas@biologico.sp.gov.br Ada Rogato and the Instituto Biológico.

137

Ada Rogato, nascida em 22 de dezembro de 1920, em São Paulo, é admitida em 1940, como datilógrafa, no Instituto Biológico, em São Paulo. Em 1941, solicita licença para participar da "Semana da Asa" e, no ano seguinte, matricula-se na Escola Livre da Sociedade de Pilotagem de São Paulo. Além disso é, também, aluna de curso de Biblioteconomia. Aviadora e paraquedista, foi a primeira mulher a obter brevê, na América do Sul, isso em 1935 e a primeira paraquedista sulamericana. Ministrava, ainda, cursos nessas áreas. Como prestadora de serviços no IB, sendo piloto brevetada há 12 anos, executava serviços experimentais de combate à broca do café. Ada utiliza, pela primeira vez, a aeronave "Paulistinha" denominada "Gafanhoto" por Henrique da Rocha Lima, diretor do IB à época. Esse avião foi doado por "Baby" Pignatari ao IB, a pedido de Carlos Alves Seixas, pesquisador do IB, a fim de retomar as experiências de polvilhamento para combate aéreo à broca do café, que foram iniciados por Ada. Em 1951, realiza um vôo em torno das três Américas, percorrendo 38.398 km por 236 horas, visitando 17 países. Participou de prova de paraquedismo noturno e pilotou um avião Cessna por todo o continente americano, avião esse, de sua propriedade. Foi campeã paulista de paraquedismo e executou 105 saltos. Ainda, como aviadora, percorreu ao redor de 5.000 horas de vôo e foi a primeira mulher a solar em planador no Brasil. Viaja, em 1956, pelo governo do Estado de São Paulo, para todas as capitais do Brasil, passando pela floresta amazônica, sem rádio e em um pequeno avião. Ainda, no Rio de Janeiro, na Baía de Guanabara, quando da Segunda Guerra Mundial realizou saltos voluntários de patrulhamento aéreo pelo litoral paulista. Ada Rogato participava de feiras agrícolas no Estado de São Paulo e saltava de aviões e helicópteros, executando saltos ornamentais. Teve como homenagem o nome de uma cachaa: "Voadora". Em São Paulo, na Lapa, há uma praça com seu nome e em Ribeirão Preto, a Rua Ada Rogato, no Loteamento Cândido Portinari. Recebeu, ainda, os títulos de Milionária do ar, Gaivota solitária e Pássaro solitário. Pode-se apreciar, em uma exposição no Museu da TAM, em São Carlos, SP, um espaço consagrado a ela. O seu avião e várias homenagens estão lá apresentados, resguardando sua imagem de empreendedora.

O INSTITUTO BIOLÓGICO GUARDA A MEMÓRIA DAS CAMPANHAS SANITÁRIAS DE SÃO PAULO - I. VITIELLO, N.¹; BILINSKYJ, M.C.V.²; D'AGOSTINI, S.²; BATISTA FILHO, A.¹; REBOUÇAS, M.M.² Instituto Biológico, Diretoria Geral, Av. Cons. Rodrigues Alves, 1252, CEP 04014-002, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: vitiello@biologico.sp.gov.br ²Instituto Biológico, Centro de Comunicação e Transferência do Conhecimento, Museu/Centro de Memória, São Paulo, SP, Brasil. The Instituto Biológico saves the memory of the health campaigns in São Paulo - I.

138

As campanhas sanitárias, tanto da área animal como da área vegetal, e a vida de cientistas que viveram suas ciências no século XX e perpassaram pelo século XXI, completam um ciclo de conhecimento em história da ciência. Para que o concreto seja definido, destacam-se, neste trabalho, alguns exemplos: um dos primeiros controles biológicos realizados no Brasil foi feito pelo Instituto Biológico, em 1929, por Adolpho Hempel, quando trouxe de Uganda, as vespinhas *Prorops nasuta*, inimigas naturais da broca do café. Outro pesquisador, Mario Paulo Autuori, construiu imensos formigueiros em um campo experimental e em condições laboratoriais, para estudar e divulgar novos conhecimentos sobre a biologia da formiga saúva. Foi o primeiro formigueiro para exposições feito no Brasil, na sede do Instituto Biológico. Mais tarde, Autuori criou outro formigueiro, no Zoológico de São Paulo. O fitopatologista Agesislau A. Bitancourt identificou, pela primeira vez, a leprose da laranja como sendo uma doença causada por vírus. E, novamente o controle biológico foi usado por meio da multiplicação da vespinha africana *Tetrastichus giffardianus*, inimiga natural da mosca do Mediterrâneo. Esse parasita era reproduzido no Instituto e distribuído entre os fruticultores. O pesquisador científico Karl M. Silberschmidt definiu, no Instituto Biológico (IB), os causadores da degenerescência das batatinhas. Foi devido às ações do IB que, em 1931/33, o Estado de São Paulo, que possuía 11,5 milhões de cabeças de aves passou, em 1960/1961, a 37 milhões de aves. A imensa campanha promovida pela Instituição tornou a atividade promissora, capaz de se organizar em grande escala. Nessa área de criação de aves, o pesquisador José Reis, os técnicos e os criadores se uniram para bem definir, instruir e explicar as medidas de higiene para proteção das aves. Eram, então, 70.000 aves que tinham, nesse momento, os cuidados do IB. Hoje, a Instituição trabalha em sanidade de aves de corte em Descalvado e, em Bastos, aves de postura. Seus laboratórios analisam as doenças e dão aos avicultores o respaldo necessário para que se produza galinhas saudáveis, aumentando, imensamente, o número de aves saudáveis nos plantéis. Conclui-se que as campanhas sanitárias realizadas pelos técnicos do IB e colaboradores foram e são de vital importância para o desenvolvimento de pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento.